

## CAPÍTULO III

## CIDADANIA, EDUCOMUNICAÇÃO E MUDIATIVISMO AMBIENTAL: A COBERTURA DA COP24 PELA AGÊNCIA JOVEM DE NOTÍCIAS (BRASIL)

**Dra. Ilza Maria Tourinho Girardi**

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil*

**Dra. Cláudia Herte de Moraes**

*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

### Resumo

No contexto da sociedade de risco (Beck, 1997), as mudanças climáticas são definidas como um problema ambiental de alcance mundial, sendo esse um dos fatores que dificultam o entendimento dos fenômenos associados bem como as alternativas para seu enfrentamento. A maior parte da cobertura jornalística se dá pela abordagem econômica, voltada às inovações tecnológicas (Moraes & Girardi, 2012). Por outro lado, a emergência de grupos de organizações civis - que ativam os discursos não corporativos e/ou não governamentais, fomentam situações positivas para o aprofundamento das discussões de forma mais ampla e plural. O artigo apresenta uma análise da cobertura colaborativa realizada por jovens de um projeto de educomunicação, reunida no site [agenciajovem.org](http://agenciajovem.org), bem como em suas postagens de rede social, em relação à Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP 24), realizada em Katowice, Polônia, em dezembro de 2018. Destacamos o midiativismo ambiental (Moraes & Fante, 2018) a partir das atividades do grupo [engajamundo.org](http://engajamundo.org) no debate de causas e consequências da mudança climática, em que as ações educacionais de jovens devem ser valorizadas para a efetividade de um mundo em transição. Nas conclusões, indicamos as qualidades desta cobertura, principalmente em relação às escolhas de assuntos e de abordagem, nas quais se colocam para além dos aspectos econômicos da questão, trazendo mais envolvimento com a temática. No entanto, discutimos como iniciativas potencialmente engajadas e inovadoras obtêm baixa visibilidade no espectro público midiático, sendo imprescindível que a sociedade também transforme sua forma de consumir notícias, fazendo uma transição de recepção, indo da comunicação/jornalismo mainstream ao midiativismo ambiental. Os projetos ou disciplinas de educomunicação nas escolas, no ensino fundamental e médio, têm o potencial de formar cidadãos midiativistas e que compreendam que esse tipo de ação socioambiental pode mudar a sociedade.

### Palavras chave

Educomunicação; midiativismo; jornalismo ambiental; mudanças climáticas; juventude; COP24.



## **1. Crise climática como temática global**

As mudanças climáticas são um problema de abrangência mundial, o que dificulta o entendimento e tomada de decisões quanto aos fenômenos associados. Há um conjunto de informações conflitantes e mutáveis no cenário da ciência e da tecnologia, levando as pessoas a atuarem com certa desconfiança. De acordo com Giddens (1997), na modernidade reflexiva, as pessoas entendem o fenômeno pela ciência, embora não seja uma aceitação tácita, incorporam dados científicos em pequenas decisões cotidianas. Isso explicaria, no caso das mudanças climáticas, o fato de que alguns falem em ceticismo, ao negar a incidência do fenômeno do aquecimento global sobre a atmosfera terrestre.

Giddens (1997) adverte ainda que o “fim da natureza”, significando que o homem interferiu de forma tão abrangente nos ambientes naturais que não é mais possível distinguir em que esta intervenção é mais ou menos efetiva. O conceito de sociedade de risco (Beck, 1997) atua em função da compreensão da modernização reflexiva, podendo ser um caminho para suplantat os impasses da sociedade industrial. Nesta fase da sociedade moderna, “[...] os riscos sociais, políticos, econômicos e individuais tendem cada vez mais a escapar das instituições para o controle e a proteção da sociedade industrial” (Beck, 1997, p.15). A partir do conceito de modernização reflexiva ocorre uma autoconfrontação ou “[...] no autoconceito da sociedade de risco, a sociedade torna-se reflexiva (no sentido mais estrito da palavra), o que significa dizer que ela se torna um tema e um problema para ela própria” (Beck, 1997, p.19).

Levando-se em conta o cenário e os desafios da crise climática, demonstrada especialmente pelo Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima (IPCC – sigla de Intergovernmental Panel on Climate Change) ao longo dos anos e por relatórios contundentes a partir de 2007, ampliam-se os exemplos de eventos extremos associados ao aquecimento global, como o recente Ciclone Idai, que atingiu Moçambique, em março de 2019. O secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, veio a público conclamar que a força do ciclone é um alerta para que a comunidade internacional tome providências urgentes para a mitigação e a adaptação à mudança climática: “Tais eventos estão se tornando mais frequentes, mais severos e mais amplos, e isto só irá piorar se não agirmos agora” [...] “Perante tempestades fortes, precisamos acelerar a ação climática”, (ONUBR, 2019). A ONU convocou uma Cúpula sobre Ação Climática para setembro de 2019, no intuito de mobilizar países sobre a urgência no cumprimento das metas do Acordo de Paris, de 2015, para a redução do aquecimento global para abaixo de 2°C em relação aos níveis pré-industriais.

Neste artigo, apresentamos uma análise da cobertura colaborativa realizada por jovens de um projeto de educomunicação, reunida no site *agencia-jovem.org*, bem como em suas postagens de rede social, em relação à Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP 24), realizada em Katowice, Polônia, em dezembro de 2018. A discussão teórica envolve os conceitos de educomunicação, cidadania comunicativa, midiativismo ambiental.

### **Meio ambiente, educomunicação e cidadania**

O conceito de educomunicação é calcado tanto na crítica à Educação quanto à Comunicação. A interface entre os dois campos não pode ser realizada apenas a partir da justaposição de práticas hegemônicas em cada um deles. Ao contrário, a proposta é repensar o modo de comunicar na educação e de educar na comunicação. Ao criticar a educação bancária, Paulo Freire (1984) nos indica que o modo de comunicação na educação é autoritário. Nessa perspectiva, o professor, cujo saber é distante da realidade do aluno, transmite informações para o educando que a recebe de modo passivo. Para romper com isso, propõe o aprendizado “[...] de ‘escrever’ a sua vida, o de ‘ler’ a sua realidade, o que não será possível se não tomam a história nas mãos para, fazendo-a, por ela serem feitos e refeitos. (Freire, 1984, p.16).

Por outro lado, quando pensamos a Comunicação, a crítica é também sobre o modelo vertical e sem participação. Desta forma, a superação do modelo de comunicação calcado na verticalidade entre emissor e receptor é uma necessidade apontada por Soares (2011).

O surgimento da área interdisciplinar da Educomunicação ocorre no bojo do pensamento crítico, em que a importância da interação e da participação em ambos os processos de origem demonstram uma falência dos objetivos de ampliar conhecimentos e diálogo na sociedade. Por isso, a Educomunicação objetiva romper com os paradigmas hegemônicos que constam tanto nos meios de comunicação de massa quanto na escola tradicional. O objetivo é construir a partir da práxis, de forma democrática, conteúdos que promovam o pensamento crítico e inclusivo, pois todos temos direito à vez e voz.

Para Soares (2000), a Educomunicação se articula como ações coordenadas que são a base do planejamento e da implementação de programas, projetos e produtos que atuam em ecossistemas comunicativos em ambientes educativos, bem como se destina “[...] a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos de informação no processo de aprendizagem.” (Soares, 2000, p. 63). Para Kaplún (1999), o sistema será mais rico tanto quanto colocar-se à disposição a “trama de interações comunicacionais”:

Uma Comunicação Educativa concebida a partir dessa matriz pedagógica teria como uma de suas funções capitais a provisão de estratégias, meios e métodos destinados a promover o desenvolvimento da competência comunicativa dos sujeitos educandos. Esse desenvolvimento supõe a geração de vias horizontais de interlocução e intercomunicação. (Kaplún, 1999, p.74)

A educomunicação teve grande colaboração com os textos de Kaplún. Entre estes, destaca-se “O comunicador popular”, no qual o autor relaciona a importância da horizontalidade na comunicação e, para além de modificar os conteúdos, fazer meios abertos ao diálogo:

Además de cambiar los contenidos, tenemos que hacer medios abiertos al diálogo, medios que generen participación. Medios donde la comunidad pueda expresarse y decir su propia palabra, no simplemente leer o escuchar lo que nosotros decimos o escribimos para ella. Aunque no en todos los casos la gente pueda generar el mensaje, aunque no todos puedan ser emisores, es necesario ir rompiendo poco a poco esa manera vertical de hacer comunicación, ese esquema de emisor por un lado y receptor por el otro. (Kaplún, 1987, p.75)

O entendimento da comunicação como diálogo, presente tanto nas ideias de Paulo Freire quanto de Mario Kaplún foram postulados importantes da América Latina na construção teórica aos chamados veículos de comunicação alternativos. A educomunicação se coaduna ao Direito à Comunicação, que consta no rol dos Direitos Humanos, sendo publicada na Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH, 1948), artigo 19: “Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras”.

Também a UNESCO, nos anos 1960 tratava a comunicação como direito. A chamada nova Ordem Mundial de Comunicação (NOMIC), destacou a importância da livre comunicação para a constituição das sociedades democráticas. À época, viviam na ditadura militar os principais países da América Latina, entre eles, Brasil, Chile, Argentina e Paraguai. No entanto, mesmo com o fim das ditaduras, a democracia não se instala de forma efetiva na área da Comunicação, e o resultado se faz sentir na concentração dos meios de comunicação do Brasil, por exemplo, tanto quanto no conteúdo dos noticiários da imprensa brasileira.

Atualmente, com o advento da internet como veículo de comunicação global, considera-se uma forma de expressão de singularidade comunicacional (Malini e Autoun, 2013). No entanto, devemos asseverar que a rede ainda é restrita em termos de acesso. Pode-se dizer que o sistema de desigualdades no meio digital ainda permanece, podendo distorcer a ideia mais democrática das possibilidades da tecnologia comunicacional.

Logicamente que descentralização da liberdade de expressão é ligada diretamente ao direito à Comunicação. Por meio dele, a cidadania comunicativa proporciona oportunidades de que pessoas e grupos tenham voz em questões de interesse público. Com o crescimento do acesso aos meios tecnológicos de comunicação e informação, abrem-se possibilidades de ampliação da pluralidade na comunicação nos dias atuais. Para Signates e Moraes (2016, p. 32) “O sentido amplo de comunicação agrega-se de forma estrutural e ôntica à condição cidadã, além de expressar-se em varios direitos específicos, e não apenas na liberdade de expressão e informação”. Também, observa-se que há um crescente interesse pela comunicação de pautas da cidadania por jornalistas e/ou instituições não-governamentais. Ou seja, a potencialidade do crescimento da internet no mundo global traz condições materiais para a elaboração de discursos que se mostram contra-hegemônicos. Este movimento ativa outros discursos, que fomentam o aprofundamento das discussões de forma mais ampla e plural.

Na contemporaneidade, em que pesem dificuldades, ainda assim a possibilidade de produção informativa com a internet traz novas perspectivas para a participação do debate público. Neste contexto, destacamos o midiativismo ambiental, conforme Moraes e Fante (2018):

[...] podemos entender que o midiativismo veicula ideias de mobilização diante de um contexto de opressão, demonstrando radicalmente a resistência dos movimentos sociais. Os processos de midiatização possibilitaram um tipo de horizontalização na difusão das informações em comparação com a forma como a difusão era feita anteriormente, ou seja, por um lado, dependente dos meios de comunicação e suas estruturas empresariais e profissionais, por outro, viabilizada por ativistas ambientais. (Moraes; Fante, 2018, p. 341).

Nos veículos considerados tradicionais, a maior parte da cobertura jornalística se dá pela abordagem econômica, voltada às inovações tecnológicas (Moraes e Girardi, 2012; Girardi et al, 2011). Também podemos verificar que “[...] a mudança climática passa a ser entendida com ênfase nos acordos políticos globais — a governança global — e também na questão econômica — ou seja, os custos para implantar uma nova forma de economia.” (Moraes, 2015, p.22).

As falhas do jornalismo hegemônico no tratamento do tema ambiental podem ser analisadas a partir da falta de profundidade, pela fragmentação das informações (Girardi et al, 2012), ou seja, carecem de um olhar a partir da sustentabilidade da vida (Girardi et al, 2006). Também sobressai a apresentação isolada do tema, dando privilégio às fontes oficiais e às notícias sensacionalistas (Massierer e Girardi, 2008). Especialmente em relação ao aquecimento global, salientamos a cobertura de impacto relacionada a eventos e relatórios do IPCC (Moraes e Corrêa, 2008), bem como o caráter sensacionalista e de conflito entre países ricos e pobres, indicado por Artaxo

Netto (2013). Em geral, o discurso traz uma visão ecotecnocrática que destaca uma imposição de crescimento econômico continuado, buscando equacionar “a relação sociedade-ambiente e os limites do crescimento mediante um otimismo tecnológico, artifícios econômicos e mecanismos de mercado” (Girardi e Moraes, 2013).

Neste contexto, fazemos uma visada à atuação de um grupo de jovens, oriundos de projetos educacionais, que atuam como midiativistas ambientais durante a COP24, buscando discutir de que forma essa cobertura colaborativa traz elementos diversos em relação ao que é apontado como deficiência na cobertura sobre a crise climática.

## **2. Agência Jovem e Engajamundo**

A organização da sociedade civil Associação Viração Educação atua com comunicação, educação e mobilização social entre adolescentes, jovens e educadores. (<https://viracao.org/quem-somos/>). Mantém dois programas: Revista Viração e Agência Jovem de Notícias (AJN). Tem apoio institucional Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE-USP).

Na Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP 24), realizada em Katowice, Polônia, entre 2 e 15 de dezembro de 2018, jovens estudantes e pesquisadores do Brasil, Argentina, Peru, Colômbia e Itália atuaram como repórteres. Essa delegação juvenil foi uma das atividades do projeto Agência Jovem de Notícias, promovido pela Associação Viração Educação no Brasil, Fundación Tierravida na Argentina, Climalab na Colômbia e na Viração&Jangada na Itália<sup>28</sup>, com o apoio da Província de Trento, o Centro Europeu Jean Monnet, a Associação Mazingira, a Fundação Fontana, o Portal Unimondo, a Associação In Medias Res e o apoio científico do Observatório do Clima Trentino. Por meio desta iniciativa, os jovens trouxeram a narrativa de eventos internacionais traduzidos e publicados em Português, Espanhol e Italiano.

Cabe salientar que o ativismo educacional de jovens pelo meio ambiente pela ONG Engajamundo também realizou outras coberturas de Conferências de Clima, nos anos de 2013 a 2016. Em 2018, juntou-se à iniciativa da Associação Viração conforme descrevemos acima. Entre os cinco GTs do Engajamundo, o GT Clima atua desde 2013 em todas as regiões do Brasil, com objetivo de discutir e buscar saídas para a crise climática, trazendo o jovem do país para o lugar de protagonista das ações. Os jovens partici-

---

28 Em 2005, durante o Fórum Social Mundial no Brasil, promovido no Brasil pela Viração Educação, foi criada a Agência Jovem Internacional de Notícias. A Agência de Notícias Juvenis em espanhol é promovida na Argentina pela Fundación TierraVida e na Colômbia pela Climalab.

param de quatro Conferências das Partes (COPs 19, 20, 21, 22) da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (UNFCCC). (<http://www.engajamundo.org/gts-nls/>). Organizada em 2012, “aproveitando o momento gerado pela Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável para engajar outros jovens na pauta ambiental e multiplicar os debates sobre meio ambiente no meio universitário da cidade.” (<http://www.engajamundo.org/nossa-historia/>)

Em 2013, na cobertura da COP 19, a Engajamundo relatou o início da busca de parcerias para a organização da juventude em nível global. O plano era “aumentar e fortalecer a participação dos jovens nas conferências sobre mudanças climáticas por meio da união e do somatório dos esforços realizados”. <http://www.engajamundo.org/2013/11/11/coesao-e-esperanca-entre-os-jovens/>). Naquele momento, ocorreu um workshop com integrantes da Viração, Engajamundo e CliMates<sup>29</sup> que discutiu como envolver os jovens no debate climático.

### **3. Cobertura juvenil da COP24 e suas temáticas**

O presente artigo faz uma análise da cobertura colaborativa realizada pela Agência Jovem de Notícias (AJN), reunida no site [agenciajovem.org](http://agenciajovem.org), bem como em suas postagens de rede social em relação à COP24. Os textos foram publicados entre 30 de novembro e 19 de dezembro de 2018. A maioria destas matérias foi realizada por jovens de outros países e traduzidas para o português. Para coleta das reportagens, fizemos o acesso via <https://www.facebook.com/agenciajovem/> e localizamos a primeira reportagem que trouxe a notícia da própria cobertura pelos jovens. Acessamos os textos completos que estavam no link da rede social e fizemos a leitura buscando identificar a origem (autores), as temáticas e abordagens e também o nível de compartilhamento e curtidas de cada matéria. A coleta encerrou com a publicação do final do evento, totalizando 23 matérias. No Quadro 1, apresentamos o material encontrado.

---

29 ONG internacional liderada por jovens voluntários, estudantes e profissionais com objetivo de enfrentar o desafio climático, com ideias inovadoras, treinamento de jovens para mudança e influenciar tomadores de decisões (<https://www.weareclimates.org/>)



Quadro 1. Matérias publicadas no facebook Agência Jovem de Notícias e Site

Dia	Título	Temáticas	Shares	Likes
30 nov	A conferência do clima em katowice contada por adolescentes de diferentes países	PARTICIPAÇÃO ENGAJAMENTO	0	4
30 nov	“Do cinza ao verde” na Polônia	ESCOLHAS/ CONTRADIÇÃO	0	2
01 dez	Trump não fará “América Grande” outra vez	ORGANIZAÇÃO URGENTE	0	3
03 dez	Ativistas na linha de frente	PARTICIPAÇÃO ENGAJAMENTO	0	3
04 dez	Clima na escola: vamos aceitar o desafio!	PARTICIPAÇÃO ENGAJAMENTO	0	3
05 dez	A missão da COP24: transformar o Acordo de Paris em realidade	RESPONSABILIDADE INTERNACIONAL	0	1
05 dez	Na aula com David Attenborough: participação ativa no tempo das mídias sociais	EXEMPLOS INSPIRADORES	0	1
05 dez	Novos candidatos para anfitrião da COP25	RESPONSABILIDADE INTERNACIONAL	0	1
05 dez	Clima: “mudando juntos”, mas com mais ambição	PARTICIPAÇÃO ENGAJAMENTO	0	1
06 dez	Alimentos e Mudanças Climáticas: como eles se influenciam?	ESCOLHAS/ CONTRADIÇÃO	0	1
06 dez	Os “Climakers”: um movimento global de agricultores	ESCOLHAS/ CONTRADIÇÃO	0	2
06 dez	Como uma estudante inspirou o mundo	EXEMPLOS INSPIRADORES	0	1

07 dez	COP24: como incentivar o ativismo em tempos de repressão?	PARTICIPAÇÃO ENGAJAMENTO	0	2
07 dez	Carvão, quanto me custa?	ESCOLHAS/CONTRADIÇÃO	0	1
08 dez	Informação da juventude dirigindo a mudança	PARTICIPAÇÃO ENGAJAMENTO	0	6
10 dez	Os compromissos de hoje para enfrentar as mudanças climáticas não são suficientes: mais precisa ser feito. E rapidamente.	PARTICIPAÇÃO ENGAJAMENTO	0	1
10 dez	Duas histórias, um só objetivo: Direitos Humanos	EXEMPLOS INSPIRADORES	0	7
10 dez	Cientistas alertam: “O tempo está quase no fim, precisamos agir agora”	ORGANIZAÇÃO URGENTE	0	1
10 dez	Desmatamento: aproximando-se de um ponto sem retorno	RESPONSABILIDADE INTERNACIONAL	0	3
11 dez	Pensando globalmente como povos indígenas na era da mudança climática	EXEMPLOS INSPIRADORES	0	1
14 dez	Política, direito, economia: uma combinação essencial para um planeta habitável	ORGANIZAÇÃO URGENTE	0	1
17 dez	Mobilidade humana em tempos de mudança climática	RESPONSABILIDADE INTERNACIONAL	0	1
19 dez	Recorde de emissões em 2017: precisamos mudar nossa rota	ORGANIZAÇÃO URGENTE	0	1

Fonte: Elaboração das autoras. Dados de compartilhamento atualizados em 01 de abril de 2019. <https://www.agenciajovem.org>

Observando a cobertura realizada pela Agência Jovem e seus parceiros, identificamos a temática que se sobressai em cada reportagem, organizadas em cinco grandes temáticas, conforme resumidas no Quadro 2.

Quadro 2 – Temáticas abordadas nas reportagens

Temas	Número de reportagens
Participação e engajamento	07
Escolhas/contradição	04
Responsabilidade internacional	04
Organização urgente	04
Exemplos inspiradores	04

Fonte: Elaboração das autoras.

Com a contagem das temáticas, direcionamos a análise a cada conjunto de temas abordados, destacando que “Participação e engajamento” foi tema preponderante na cobertura dos jovens envolvidos. Os demais temas tiveram abordagens equilibradas, destacando-se, desta maneira, uma cobertura abrangente.

### 3.1 Participação e engajamento

Na temática “Participação e engajamento”, temos sete (7) reportagens. Este conjunto de matérias traz em comum a narrativa da importância do envolvimento da sociedade civil, organizações não-governamentais e, principalmente, da atuação de jovens na busca de soluções para a crise ambiental.

Na primeira reportagem, intitulada “A Conferência do Clima em Katowice contada por adolescentes de diferentes países”, publicada em 30 de novembro, apresentam o projeto de cobertura da COP24. Esta abordagem traz a expectativa de organizadores e o alerta da urgência pela comunidade científica. Apontam a realização da Conferência Internacional da Juventude (COY14) como fundamental no processo de engajamento juvenil. “Ativistas na linha de frente” (03/12) trata das iniciativas após o pouco efeito das negociações internacionais, com a criação de organizações de ativistas e propostas concretas, como grupo da Nova Zelândia Geração Zero que propõe a Lei do Carbono Zero em tramitação naquele país. O objetivo é atingir emissão zero até 2050. A notícia “Clima na escola: vamos aceitar o desafio” (04/12) registra a visita de 15 repórteres jovens na COY14 a uma escola com apresentação de projetos de educação ambiental e oficina de educomunicação. A abordagem tratou a importância dos jovens na exigência de ações concretas e mudanças significativas para construir uma sociedade mais sustentável e justa.

O tratamento da informação em “Mudando o clima juntos, mas com mais ambição” (07/12) é de desafio urgente na COP, tratando sobre o início dos trabalhos na COP em Katowice, a partir da percepção do Livro de Regras para implantação do Acordo de Paris. O engajamento é destacado, pois aponta como solução a presença da sociedade civil e dos jovens para empurrar as delegações ao comprometimento de ações concretas.

No texto “COP24: Como incentivar o ativismo em tempos de repressão” (07/12), salienta as questões ambientais da Polônia (uso do carvão) bem como a ação do governo polonês contra manifestações nos últimos anos. A preocupação e o cuidado são os sentimentos do autor sobre o ativismo no país-sede da COP24:

Nosso movimento precisa crescer ainda mais, criar laços de união mais fortes e coesos. Os grupos ao redor do mundo precisam estar atentos, vigilantes e preparados, não só pela marcha, mas para seguir enfrentando as ameaças das mudanças climáticas e dos extremistas que as negam. Se isso não acontecer, não teremos chances contra o capital fóssil.

O texto “Informação da juventude dirigindo a mudança” (8/12) abre com o questionamento sobre a necessidade de informações frente ao tipo de cobertura jornalística que tradicionalmente se faz das mudanças climáticas. Informa sobre o “Workshop de Formação de Jovens na COP24 – Jornalismo Construtivo como forma de iniciar ações positivas”, realizado pela YRE (Young Reporters for Environment). O foco é a possibilidade de jovens fazerem a diferença no relato, encorajando as pessoas a agir pelo enfrentamento da crise ambiental. Muito representativa deste conjunto de textos temáticos, selecionamos um trecho como exemplificação desta narrativa:

A mudança climática requer um forte engajamento público a ser enfrentado e, portanto, uma divulgação em massa de informações é importante para promover conscientização. Mas, como isso pode ser possível quando algumas questões relacionadas à mudança climática parecem ser catastróficas e seus efeitos levam a notícias infelizes? E como a juventude pode contribuir para transmitir mensagens positivas relacionadas à mudança climática?

Por fim, o texto “Os compromissos de hoje para enfrentar as mudanças climáticas não são suficientes: mais precisa ser feito. E rapidamente.”, publicado em 10/12, reforça a urgência para a resposta à crise climática. “A velocidade com que o aquecimento global ocorre e a lentidão da resposta da comunidade internacional a ele estão reduzindo as chances de alcançar a meta estabelecida pelo Acordo de Paris. Eles também pioram os impactos negativos das mudanças climáticas no ecossistema e na vida humana.” Traz inúmeros dados sobre o aumento da incidência de eventos extremos em várias partes do mundo. E descreve o cenário a ser enfrentado: O dióxido de carbono já atingiu o alarmante valor de 405,5 partes por milhão, mas as pesquisas de 2018 prevêem que atingirá 407 partes por milhão até o final

do ano. Isso significa que a atmosfera agora contém 45% mais CO<sub>2</sub> do que nos tempos pré-industriais.

Os jovens criticam as Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDCs) que não serão suficientes para conter a crise. Termina de forma otimista relatando a busca pelas energias sustentáveis e indicando a necessária definição política e para conter o aquecimento e modificar o paradigma atual.

### **3.2 Escolhas e contradição**

Outro grupo de textos se organiza em torno da abordagem sobre as escolhas realizadas e as controvérsias presentes na complexidade da questão climática. Na reportagem “Do cinza ao verde” na Polônia (30/11), consta relato da chegada dos jovens para a COY14 em Katowice. Destaca o compromisso da cidade em mudar suas escolhas em relação à crise climática, como abolir o combustível fóssil. Expõe ainda a contradição, visto que a cidade ainda mantém indústrias de carvão. O slogan “do cinza ao verde” faz parte da campanha para a transição planejada.

Em 06 de dezembro, os jovens pautam a questão da alimentação. Com o texto “Alimentos e Mudanças Climáticas: como eles se influenciam?” fazem a cobertura de uma sessão organizada pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) na programação da COP, em que foi discutida a urgência em diminuir emissões de carbono da indústria agrícola, a necessária diversificação de produção e de biodiversidade na área e a redução no consumo de carne e alimentos. Estas medidas foram apresentadas como formas de adaptação, com ênfase nas escolhas que deverão ser feitas pela sobrevivência no planeta.

Também no dia 06 de dezembro, o texto “Os “Climakers”: um movimento global de agricultores”, segue a temática da produção de alimentos. Discute o movimento global que inclui uma agenda dos próprios agricultores em torno do que eles podem fazer para adaptar e mitigar a mudança climática. Destaca o caso dos países africanos que embora não sejam os maiores poluidores são muito afetados por desabastecimento de água e dificuldades de produção agrícola. Citam o “Guia Inteligente de Agricultura”, elaborado em conjunto com o Banco Mundial com objetivo de transformar o sistema alimentar.

Na matéria “Carvão, quanto me custa?” (07/12), os jovens questionam sobre o uso do carvão na geração de energia, cujos debates foram realizados em evento paralelo que reuniu cientistas na Polônia, sede da COP24 e um dos países da União Europeia com maior percentual de uso desse recurso poluente. Destaque ao trecho que exemplifica a abordagem narrativa das escolhas necessárias: “O que o mundo realmente precisa agora é a vontade política e a vontade econômica de usar alternativas renováveis. A estratégia

económica a ser seguida para levar a cabo esta transição é integrar os fundos nacionais com investimentos do setor privado e fundos da União Europeia.”

### **3.3 Responsabilidade internacional**

A temática da responsabilidade internacional é apresentada no conjunto de reportagens que exploram a realização de conferências, a reunião de cientistas e as decisões que afetam países uns aos outros. No dia 5/12, o texto “A missão da COP24: transformar o Acordo de Paris em realidade” aponta descrença em relação à aprovação do Livro de Regras, que propõe formas de acompanhamento das metas do Acordo de Paris. Também traz como boa notícia o conceito de Diálogo de Talanoa, proposta por Fiji na COP23, com a realização de diferentes eventos de discussão sobre a crise climática, focados em boas práticas. Também destaca a Cúpula Global de Ação Climática da Califórnia como resposta da sociedade civil norte-americana à decisão do presidente Donald Trump de se retirar do Acordo de Paris. Destaque ao trecho que traz a ideia da vulnerabilidade como uma fonte para a responsabilidade internacional:

No entanto, o envolvimento positivo de indivíduos, organizações e indústrias não pode desviar a atenção do fato de que as emissões de gases de efeito estufa continuam crescendo no mundo todo. Os impactos das mudanças climáticas já estão gerando sofrimento injusto – e que poderia ser evitado – às populações mais pobres e vulneráveis do mundo.

A nota “Novos candidatos para anfitrião da COP25” (05/12) informa sobre o recuo do Brasil na candidatura anteriormente feita para sediar a COP25, destacando que não se trata somente de uma organização de evento, que o país-sede “assume a liderança perante o mundo para levar adiante a agenda climática.”

A matéria “Desmatamento: aproximando-se de um ponto sem retorno” (10/12), traz a relação da proteção das florestas aos direitos dos indígenas, bem como sobre o papel das florestas tropicais na mitigação das mudanças climáticas. Um estudo apresentado tratou de um conjunto de países-chave (Brasil, Indonésia, Peru, Colômbia, República Democrática do Congo, Myanmar). O depoimento considerado mais pessimista neste cenário foi de Patrícia Zupi, da Rede de Cooperação Amazônica Brasil, que denunciou que, após a eleição de Jair Bolsonaro para presidência do país, está ocorrendo um processo de regressão no reflorestamento que afetará a crise climática global.

Outro tema que teve destaque, a partir da crise dos refugiados da Síria, foi abordado em “Mobilidade humana em tempos de mudança climática” (17/12), trazendo a aprovação do Pacto Global sobre Migração (GCM), que

contém um parágrafo sobre “desastres naturais, efeitos negativos da mudança climática e degradação ambiental”. Estes seriam os gatilhos estruturais das migrações. A matéria lança um questionamento sobre como serão efetivados os auxílios aos migrantes: “Ninguém sabe que tipo de proteção internacional poderia ser concedida aos migrantes climáticos ou aos deslocamentos climáticos. Não existe sequer uma definição legal destes valores, que estão frequentemente associados ao conceito de ‘migrantes ambientais’.”

### **3.4 Organização urgente**

O primeiro texto identificado nesta temática trata da postura do presidente Donald Trump: “Trump não fará ‘América Grande’ outra vez” (01/12). Na entrevista com Rock Aboujaoude Jr., um jovem do Campus Climate Corps, movimento que organiza intercâmbios para estudantes de todo o mundo, o foco foi sobre a percepção dos jovens norte-americanos sobre a questão do clima e a política do presidente Trump. Houve crítica ao consumismo e apelo à governança internacional, a necessária organização para enfrentamento concreto do problema. Rock deu o recado: “Eu resumiria em uma citação: “Não torne a América grande outra vez!”. Para tornar a América grande novamente, não importa quem seja a pessoa, ele ou ela tem que reconhecer que as mudanças climáticas estão aí e têm que ser enfrentadas o mais rápido possível.”

Na matéria “Cientistas alertam: ‘O tempo está quase no fim, precisamos agir agora’” (10/12) apresentam as principais conclusões do relatório do IPCC divulgado dois meses antes da COP24. Faz alerta para a urgência na tomada de decisões e na gravidade da crise ambiental. Como exemplo da narrativa dos jovens pela urgente organização para o enfrentamento do problema, destacamos o seguinte trecho:

O relatório aumenta a conscientização sobre a necessidade de uma forte colaboração em todos os níveis da sociedade, e para aumentar a ambição dos países, indo muito além de seus planos voluntários de ação climática (NDC). Isso é crucial para tentar manter o aquecimento global dentro de 1,5 ° C nas próximas décadas.

A reportagem “Política, direito, economia: uma combinação essencial para um planeta habitável” (14/12) aponta que “o uso de ferramentas legais e econômicas para incentivar as administrações dos Estados a adotar leis climáticas, que estejam mais de acordo com os objetivos ambientais internacionais, torna-se crucial”. Entraram nesse debate, as possibilidades de legislações mais flexíveis e relevantes, bem como o trabalho dos formuladores de políticas, com destaque especial quanto ao imposto sobre o carbono e investimentos no setor de energia renovável.

A última publicação da cobertura realizada na COP24 se encaixa neste tópico, “Recorde de emissões em 2017: precisamos mudar nossa rota” (19/12). O texto trata da publicação do relatório GAP de emissões, apresentado pela ONU Ambiental, que compara as emissões projetadas com as necessárias para atender aos objetivos do Acordo de Paris. Os resultados indicam a necessidade de triplicar os esforços para atingimento da meta do Acordo de Paris. Além disso, apontam possíveis soluções, entre elas, obrigar os Estados “a fortalecer suas ambições sobre mitigação e aumentar a eficiência de suas políticas nacionais”. De forma geral, reforçam a ideia da necessidade de imediata organização em torno das ações de mitigação, de todos os principais pontos de poder e decisão.

### **3.5 Exemplos inspiradores**

No último conjunto de textos, apresentamos o tratamento dado a personalidades, ativistas, militantes ambientalistas e pessoas que são consideradas pela cobertura como exemplos de inspiração para a continuidade da luta pelo clima. No dia 5/12 o primeiro texto nesta temática, “Na aula com David Attenborough: participação ativa no tempo das mídias sociais”, que traz um breve perfil de David Attenborough, considerado um dos mais importantes comunicadores científicos, conhecido principalmente por seus programas de história natural na rede televisiva britânica, a BBC. Convidado para a abertura da COP24, o texto destaca a fala de David em relação às pessoas que podem utilizar a mídia para enviar mensagens poderosas: “Essas pessoas têm a responsabilidade de educar os céticos em relação à necessidade de uma mudança e de se tornarem testemunhas da verdade e da beleza extraordinária de nossa natureza ameaçada.”

O texto “Como uma estudante inspirou o mundo” (6/12) destaca a atuação da jovem da Suécia Greta Thunberg<sup>30</sup>, de 14 anos, que protesta toda sexta-feira em frente ao Parlamento em Estocolmo para que os líderes tomem providências em relação à crise climática. Tratada como uma pessoa inspiradora, “que está incentivando os jovens e adultos a tomar ações efetivas e substanciais o mais rápido possível.” Além de inspiradora, o texto a reverenciou por ser uma ativista muito jovem e que recebe grande atenção da mídia. A fala Greta em Katowice foi direta: chamou as lideranças mundiais de imaturas, pois não agem e não assumem a realidade da mudança climática.

Na matéria “Duas histórias, um só objetivo: Direitos Humanos” (10/12), data de comemoração dos 70 anos da Declaração dos Direitos Humanos, os jovens entrevistam dois ativistas Joan Carling (das Filipinas, atuante junto

---

30 A ativista foi a principal liderança mundial na recente greve estudantil global pelo clima, realizada em 15 de março de 2019.



aos indígenas na Ásia). A declaração de Joan trazida na entrevista chama a atenção para a luta pela dignidade de todos. “Como essas comunidades não têm poder, precisamos falar por elas. Se nenhum de nós fala pelos fracos, os sem voz, somos todos cúmplices em permitir que a desigualdade e as violações simplesmente aconteçam.” Outro exemplo entrevistado pelos jovens, Francesco Martone (da Itália, atuou no Greenpeace e como senador) declarou: “temos que proteger as comunidades indígenas e, ao mesmo tempo, devemos deixá-las viver em seu próprio ambiente com suas próprias tradições.” Esta reportagem teve o maior número de curtidas no site da AJN (total de 07 curtidas), conforme Figura 1.

Figura 1: Reportagem sobre Direitos Humanos



Fonte: <https://www.agenciajovem.org/wp/cop24-direitos-humanos/>

No dia 11/12, a matéria “Pensando globalmente como povos indígenas na era da mudança climática” conta a história das lutas indígenas. Em Buri-tizeiro, Minas Gerais no Brasil, com duas irmãs Tuxà na liderança e conquista de 6 mil hectares de terra devastada pelas indústrias de madeira e celulose; após três anos o território floresce. Na Patagônia Argentina, relatam a luta do povo Mapuche no conflito com a empresa italiana Benetton, iniciada em 1992 e com ganho de posse e uso aos indígenas apenas em 2014. Neste período, as condições de vida do povo foi deteriorada. Também em Temuco, no Sul do Chile, a perseguição à líder espiritual Machi Francisca, que foi presa em 2016, pela terceira vez, por denunciar empresas que des-

troem florestas nativas. O apelo na reportagem indica que a admiração pelos povos indígenas se dá pela visão e consciência em relação ao ambiente, pois “Os povos indígenas enxergam nossa sociedade de outra perspectiva. Eles estão conscientes do que estão fazendo e do que está acontecendo realmente, porque eles enxergam os efeitos das mudanças.”

Com esta análise foi possível refletir sobre a variedade das temáticas desenvolvidas na cobertura colaborativa da agência jovem, que são singulares em função de seu caráter ativista. O tema predominante – engajamento – foi muito relacionado ao protagonismo jovem na busca de soluções e enfrentamento da crise climática. Os demais temas demonstram a preocupação na cobrança de responsabilidades, na busca de modelos de instituições e pessoas que fazem a diferença, bem como formas de organização para que a complexidade ambiental e a urgência na definição de novos paradigmas de transição estejam na ordem do dia.

Desta forma, a cobertura colaborativa se coloca de forma posicionada, engajada e responsável e se diferencia das coberturas tradicionais que, em boa medida, se colocam “fora” do problema. A agência jovem, ao contrário, traz impressões da própria juventude, considerada a primeira geração a conviver diretamente com os fenômenos intensos, frequentes e extremos decorrentes da mudança do clima.

## Considerações finais

As atividades do grupo engajamundo.org no debate de causas e consequências da mudança climática, em que as ações educacionais de jovens da Agência Jovem de Notícias é destaque, devem ser valorizadas para a efetividade de um mundo em transição. É notável que o formato jornalístico se renova com a maior participação, com a contribuição da visão de jovens preocupados com o futuro e com as decisões tomadas no presente, as quais pouco estão trazendo respostas efetivas aos erros do passado. O processo educacional aliado ao resultado da cobertura analisada durante a COP24 transparece a ideia do diálogo entre vários atores, trazidos como fontes, entrevistados e inspirações.

Além disso, salientamos as qualidades desta cobertura, principalmente em relação às escolhas de assuntos e de abordagem, nas quais se colocam para além dos aspectos econômicos da questão, trazendo mais envolvimento com a temática. No entanto, discutimos como iniciativas potencialmente engajadas e inovadoras obtêm baixa visibilidade no espectro público midiático, sendo imprescindível que a sociedade também transforme sua forma de consumir notícias, fazendo uma transição de recepção, indo da comunicação/jornalismo *mainstream* ao midiativismo ambiental. Os projetos ou disciplinas de educação nas escolas, no ensino fundamental e médio, têm o potencial de formar cidadãos midiativistas e que compreendam que esse tipo de ação socioambiental pode mudar a sociedade.

## Referências bibliográficas

- Artaxo Netto, A. P. F. (2013). O futuro da terra: discursos inconvenientes. Tese (doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Beck, Ü. (1997). A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: Beck, U; Giddens, A. e Lash, S. (Orgs.). Modernização reflexiva. São Paulo, Ed. da Unesp. pp. 11-72; 207-218.
- Freire, P. (1984) Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos. São Paulo: Paz e Terra.
- Giddens, A. (1997). “A vida em uma sociedade pós-tradicional”, In: Beck, U.; Giddens, A.; Lash, S. (orgs). Modernização reflexiva. São Paulo: Ed.Unesp, pp. 73-133.
- Girardi, I. M. T.; Massierer, C.; Schwaab, R. T. (2006). Pensando o Jornalismo Ambiental na ótica da sustentabilidade. UNIrevista - Vol. 1, nº 3, pp. 1-12.
- Girardi, I. M. T.; Massierer, C.; Loose, E. B.; Schwaab, R. ((2012). Jornalismo Ambiental: caminhos e descaminhos. C&S, São Bernardo do Campo, v. 34, n. 1, pp. 131-152.
- Girardi, I. M. T.; Camana, A.; Masssierer, C.; Moraes, C. H; Loose, E. B.; Neuls, G.; Gertz, L. (2011). Discursos e vozes por trás das COP15 e COP-16, Anais do IX Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Girardi, I. M. T.; Moraes, C. H. (2013) *Jornalismo e mudanças climáticas: reflexões a partir da ótica do jornalismo ambiental*. In: Medios de comunicaci3n y cambio clim3tico.1 ed. Sevilla: F3nix Editora, 2013, pp. 45-58.
- Kapl3n, M (1987). El comunicador popular. Buenos Aires, Hvmanitas.
- Kapl3n, M. (1999). Processos educativos e canais de comunica33o. Comunica33o & Educa33o, Ano 14, pp. 68-75.  
<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.voi14p68-75>
- Malini, F.; Antoun, H. (2013). A internet e a rua: ciberativismo e mobiliza33o nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina.
- Moraes, C.H. Entre o clima e a economia: enquadramentos discursivos sobre a Rio+20 nas revistas Veja, Isto3, 3poca e Carta Capital. (2015). Tese (Doutorado em Comunica33o e Informa33o) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunica33o da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

- Moraes, C.H.; Corrêa, A.M.F. (2008) Entre o susto e o esquecimento: Jornalismo Ambiental na lógica da indústria da informação. In: Jornalismo Ambiental: desafios e reflexões. 1 ed. Porto Alegre: Dom Quixote, pp. 210-227.
- Moraes, C.H.; FANTE, Eliege. (2018). Uma cartografia do midiativismo ambiental em Porto Alegre. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (Orgs.). Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática. CEFET-MG: Belo Horizonte.
- ONUBR. 2019. Ações climáticas são necessárias para conter ciclones fatais como Idai, diz Guterres. 28 mar 2019. Disponível em: <https://na-coesunidas.org/acoes-climaticas-sao-necessarias-para-conter-ciclones-fatais-como-idai-diz-guterres/>
- Signates, L.; Moraes, Â. (2016), A Cidadania como comunicação: estudo sobre a especificidade comunicacional do conceito de cidadania. In: Signates, L.; Moraes, Â. Cidadania Comunicacional: teoria, epistemologia e pesquisa. Goiânia: Gráfica UFG, pp.16-35.
- Soares, I. de O. (2000). Educomunicação: as perspectivas do reconhecimento de um novo campo de intervenção social: o caso dos Estados Unidos. Eccos Revista Científica Uninove. v.2, n.2, pp.61-80.